

# **JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA**

**«Entendo a poesia como transfiguração do real. Faço da poesia uma fuga do real, uma fuga para uma certa espiritualidade e para um mundo ideal em confronto com o mundo real. Quando o poema surge, cria essa idealização.»**

**Escrever com a memória será uma forma de compensar todas as ausências?**

Se calhar, até escrevo para isso. Penso, mesmo, que seja de forma inconsciente que através da palavra, neste caso a da poesia, há uma busca de sinais das pessoas e de uma geografia de sentimentos.

**Talvez por isso, no seu novo livro «Esta Voz É Quase o Vento», diga: «Sou apenas aquele que lembra»...**

É como se toda a minha poesia fosse uma memória em cada livro, um fio condutor, um caminho e como se nesse caminho alguma coisa ainda tivesse ficado por dizer. Vou andando sempre à volta de mim próprio, à volta dessa memória que é autónoma, não a controlo. A certa altura, comecei a ficar cada vez mais convencido de que a vida

é comandada por aquilo a que se chama destino, pode ser Deus ou uma entidade qualquer, algo que me escapa mas se impõe.

**Não sendo propriamente um poeta da religiosidade, fala, inclusive, de «sonhos de Deus». Faz uma procura mais intensa do sagrado que se afirma já no livro «Agora e na Hora da Nossa Morte», que passa pela morte de seu pai?**

Nesse momento tão difícil, o único recurso que encontrei foi aproximar-me mais de Deus. Sou um péssimo leitor dos meus livros, mas julgo que, a partir daí, a presença de Deus foi passando de livro para livro com maior ou menor intensidade. Os livros acontecem, gosto muito de dizer aconteceu, porque penso assim em relação à vida e à poesia. Depois, há um trabalho de muita oficina, mas só depois de terem acontecido.

**O seu pai era o seu rei?**

Foi o meu rei mítico. Como todos os mitos não se compadece com uma explicação objetiva. Mas era um mito de carne e osso, em que as qualidades adquiriram uma expressão extrema, e os defeitos, que todos temos e ele também tinha, ficaram esbatidos. Criou-se uma figura ideal, não pacífica de maneira nenhuma, e continua presente. Ao fim de seis anos, a dor da perda não é a mesma, nem podia ser, ninguém a suportava.

**Às vezes, a dor crónica é mais perturbadora do que a dor aguda...**

Não sei com que instrumento se pode medir uma situação dessas e, ainda por cima, é tudo tão pessoal e intransmissível... Isto desmente aquilo que se diz de que ninguém é insubstituível. Não gosto desse 'cliché'. Há pessoas insubstituíveis. Até os animais, quando falamos de afectos, nenhum é substituível por outro.

### **E o lugar da mãe?**

Foi-se tornando mais presente.

### **Deu-se em si uma transferência de âncoras?**

De certo modo, sem que isso altere minimamente a figura do pai. É como se a mãe o acompanhasse agora mais também na poesia. E comecei a ter um olhar sobre o feminino um pouco diferente. Corresponde a uma descoberta de um feminino superior.

### **Tem uma poética, um discurso amoroso, em que a figura feminina dá-se mais por elipse?**

Acusaram-me já de que a minha poesia era assexuada, porque as figuras femininas nunca aparecem muito definidas, são um tanto etéreas. O que acontece é isto: quando falo da mulher, falo da mulher ideal e ao falar da mulher ideal parto de figuras reais. É desse real, como em toda a minha poesia, que faço a transfiguração.

### **Na poesia consegue dar-se a dissolução da «extrema solidão do homem»?**

Quem me dera! No meu caso, os livros são sempre um prolongamento da vida. Gostaria que acontecesse essa dissolução da solidão. Não acontece. A solidão vive comigo, é uma irmã gémea. E, à medida que os anos passam, não vejo maneira de a dissolver.

### **A natureza é tão densa nas suas imagens poéticas... Será uma maneira de conjugar as alegrias e os medos como uma forma de sobrevivência?**

É como se canalizasse para a natureza aquilo que às vezes me falta na humanidade; como se estivessem, de facto, na natureza os sinais da minha sobrevivência. Não posso viver sem o sol, sem a luz. Preciso que tudo isso seja uma espécie de bálsamo para as feridas que o dia a dia me provoca, sobretudo no espírito.

## **Também a água e o vento se casam na sua palavra poética, fazendo lembrar o bíblico 'Gênesis'...**

Na minha poesia, o vento terá um pouco que ver com a minha errância, uma errância que sempre me perseguiu. O vento não se consegue agarrar nem fixar, anda pelo mundo. E eu, que, fisicamente, não ando muito pelo mundo, em termos de pensamento poético estou sempre a andar pelo mundo.

## **Essa errância configura algumas fugas suas a um mundo tão conturbado?**

Tudo começou naquele lugar, aonde volto sempre. Penso na Madeira quando era adolescente: a minha atitude era contemplativa, sentado num terraço virado para o mar, à espera que os barcos chegassem. Mas não era só isso. Estava também sentado nesse terraço a viajar nesses barcos, chegassem ou não.

## **É um homem de partidas?**

Mas quando a partida real aconteceu, foi extremamente dolorosa. Das coisas mais terríveis da minha vida são as despedidas. Há uma necessidade de partir, de fuga, e, ao mesmo tempo, forças tremendas prendem-me ao lugar como se tivesse de ficar ancorado. No fundo, acabei sempre por ser uma pessoa ancorada. Ia de férias à Madeira, durante 19 anos fui para o mesmo lugar e a mesma praia. Tenho um pensamento nómada mas um corpo sedentário, que se fixa muito.

## **Precisa de encontrar uma identidade?**

Provavelmente, no entanto quando a vou a Espanha, por exemplo, gosto de sentir uma certa perda de identidade, como se fosse buscar energias perdidas.

### **Como vê hoje a Madeira, olhando-a do lado de cá?**

Com muito receio. Continuo a adiar a visita, o regresso temporário, porque, para além do medo do avião, acrescentam-se outros. Medos que têm que ver com a grande desilusão em termos do rosto dessa ilha que está tão transfigurado. Medo de que, em vez de me salvar, numa redenção final, me condene. Há nisto forças muito contraditórias: uma que me puxa e outra que me afasta, e o tempo vai passando neste conflito. Somam-se também as perdas de família, de amigos, da casa, de certos lugares de eleição que já não existem. Talvez por isso, em termos poéticos, regresso cada vez mais àquela ilha-mãe e madrasta; madrasta porque oprime e nem tudo foram rosas.

### **«Só os desertos me conhecem nada mais», estou de novo a citá-lo. Prefere viver nos desertos?**

À minha volta vai crescendo um deserto cada vez maior. Deserto de afectos, deserto de compreensão, deserto de ideais, um deserto de crenças.

### **Costuma pensar nos homens que vivem em verdadeiros desertos?**

Nos verdadeiros desertos pode-se ser feliz, ao contrário dos desertos metafóricos.

### **Vive-se uma incompreensão de civilizações?**

Sem dúvida. É um dos fenómenos que me chocam mais, o da incompreensão das culturas, das civilizações. Esta coisa que se chama aldeia global é assustadora para mim. O poder exerce-se sem ter em conta o outro, por isso há tantas injustiças e guerras. As guerras, além de serem todas injustas, ainda o são mais porque partem da imposição de uma civilização e de culturas sem o mínimo de respeito nem de consideração pela diferença. Os sistemas

evoluem, sofisticam-se e parece que, finalmente, encontraremos um mundo mais justo, mas todas as belas palavras em que acreditamos reduzem-se entretanto a palavra. As ações não correspondem a essas palavras de retórica.

### **Estará o homem condenado ao grande silêncio?**

Ao grande silêncio, ao isolamento e à solidão, que se prendem com a sensibilidade de cada um. E hoje há uma coisa também assustadora: a intoxicação permanente das mentes e das consciências, sobretudo via televisão. É como se as pessoas deixassem de existir enquanto indivíduos e comesçassem a ser uma massa quase acéfala, que só vive ou sobrevive cumprindo aquilo que lhe é dirigido através dos media.

### **Essa massa social não tem responsabilidades? Não deve também penitenciar-se?**

Tem sobretudo que despertar, olhar para si e despertar e saber quem é. Se não despertar, será cada vez mais manipulada por correias de transmissão do poder político e do poder económico.

### **Muitas gerações foram despertadas essencialmente pela literatura. Que poder tem a leitura no tempo de hoje?**

Também acreditei no poder da literatura, na poesia na rua, mas não sei se foi um mito. Hoje nem é mito. Não será por edições de 200 mil ou 150 mil exemplares que se explica e define a literatura ou o encontro da literatura com os leitores, salvo raras excepções. O livro, felizmente, não acabou nem irá acabar, continua a ser um corpo vivo que se toca. E se isto for transmitido de geração para geração, haverá sempre quem descubra esse corpo, quem o toque e note a diferença. Não há razão para aquela ideia apocalíptica de que as internetes e a imagem iam sobrepor-se à palavra.

**De qualquer modo, a família que tradicionalmente partilhava gostos de leitura não alterou esse culto?**

Na família perdeu-se um pouco esse ambiente de comunicação e de partilha. As famílias vivem hoje a olhar para uma televisão. Quando entro em certos restaurantes, aflige-me ver um casal que, em vez de sentar-se em frente um do outro, senta-se ao lado um do outro porque está lá um ecrã. Em casa é possível que aconteça o mesmo. Então, como haverá espaço de comunicação, de diálogo e de partilha em relação ao livro ou à música ou a outros temas? E as pessoas visitam-se cada vez menos, como se a casa não fosse um lugar de intimidade onde devem encontrar-se os que nos são mais queridos e com quem gostamos de trocar ideias e experiências.

**As próprias famílias tornaram-se mais intolerantes? Aumentam os divórcios...**

Não sou sociólogo. Não tenho nenhuma atitude moral em relação aos divórcios. Os divórcios também são, provavelmente, um sintoma de desagregação das relações. Ao mesmo tempo, podem já não ter muito a ver com coisas que se passavam há algumas décadas em que se calhar as pessoas não se divorciavam por conceitos e preconceitos, hoje as coisas são mais transparentes. É um sinal dos tempos, também. Mas se as pessoas se sentirem bem, creio que não vão divorciar-se.

**'Perdi-me por amor', verso que dá título a um poema do seu novo livro. Já se perdeu por amor?**

Sim. No livro tudo é verdade.

**Apesar de a sua poesia ter a componente de idealização, poderemos, no entanto, considerá-la mais vivencial? Será por acaso que reuniu muitos dos seus poemas no volume intitulado 'Biografia'?**

Entendo a poesia como transfiguração do real. Faço da poesia uma fuga do real, uma fuga para uma certa espiritualidade e para um mundo ideal em confronto com o mundo real. Quando o poema surge, cria essa idealização.

### **Há muitas feridas abertas no que escreve?**

É uma poesia de feridas, de facto. A memória carrega, transporta muitas feridas. Adeus deve ser a pior palavra que conheço.

### **Introduz na estrutura de muitos poemas uma ou mais personagens como forma de desmultiplicação do sujeito?**

Nunca tinha pensado nisso, mas estou de acordo. Se calhar, é também para preencher vazios. Como se o Eu poético tivesse de recorrer a outras personagens, dialogar com elas e acompanhá-las em cada momento do poema, em cada cenário. Como se a presença do duplo fosse constante. Um duplo que pode assumir muitas formas, muitos rostos, muitos sentimentos, às vezes contraditórios ao longo do livro. É a convocação dos contrários.

### **Sente-se agora um poeta da inocência perdida?**

Até nisso ando à deriva. Há momentos em que dou comigo com toda a inocência do mundo em mim e à minha volta. Depois acordo e vejo que a inocência se perdeu. São mais opostos que se conjugam: a inocência às vezes perdida outras vezes ganha.

### **Que pátria é a sua quando escreve: 'A minha pátria são os campos santos de muito além'?**

A pátria de que continuo à procura. Esta busca aconteceu sobretudo a partir do momento em vim da Madeira e não encontrei em Portugal continental a pátria total.

É um verso que tem que ver com o lado mais negro da morte, mas não tem de ser uma pátria defunta. É como se os campos santos



fossem o lugar do grande repouso, da grande paz, da grande serenidade. O que me custa é que essa paz não exista também fora dos campos santos.

### **Poder-se-á viver permanentemente a sonhar?**

Vai sendo cada vez mais difícil. O real bate-nos todos os dias no rosto, sob múltiplas formas, e um sonhador está constantemente a tropeçar. Queria ser um sonhador de todos os dias mas sou um sonhador só às vezes.

### **Pede pouco quando diz que 'Só quis ser amado'?**

Já é pedir muito. Na minha vida tem havido amor, mas talvez haja a exigência de um amor mais perfeito, de um amor mais durável. É, afinal, a exigência de um sonhador. Só um sonhador quer um amor que nos faça viver no plano do sublime.

### **Os sonhadores também pode ser cruéis...**

A crueldade faz parte da natureza humana, em alguns casos de maneira assustadora e terrível, noutros mais oculta. Há sonhadores perversos. Um mundo onde tudo fosse perfeito, onde tudo fosse bondade, generosidade, esse é o sonho impossível.

### **Segundo Brathes «a escrita é a relação constante com os prazeres do texto e da linguagem». Consigo passa-se assim?**

Não me custa muito subscrever.

### **Mesmo quando essa relação chega a ser um pouco violenta?**

O mundo dos prazeres é tão rico de fantasmas como o mundo do desprazer.

**Encontramos na sua poesia palavras referenciais. Por exemplo, Cruzeiro do Sul é a constelação dos navegantes...**

E sou um navegante. Nas noites em que é possível também navego pelo céu. Vivo cada vez mais a olhar para o céu, não sei se à espera que apareça lá...

**... o «anjo de luz» de um poema seu?**

Sim. Mas tem a ver com a minha ligação à natureza, ao cosmo. A natureza enquanto expressão de sentimentos, e aí estão as estrelas que me fazem ainda parar e olhar como se estivesse no tal terraço da adolescência.

**Que faz quando o céu não tem estrelas? Um dos seus fantasmas é a trovoadas...**

Odeio nuvens. Não devia ser assim, porque um homem que é tão irmão da natureza devia aceitar todas as suas manifestações e não ter esse medo.

**E por que não tem medo do vento?**

Sou amigo do vento. Gosto que o vento me bata na cara, que me leve como se fosse uma folha. O vento faz parte da minha viagem. Também é verdade que nunca apanhei uma tempestade de vento.

**Dá-se bem com o seu nome? José Agostinho Baptista: três santos num só homem...**

É santidade a mais, não? Mas lido bem com o meu nome, acho curiosa essa sequência. E gosto de ser José.

**Deu ao seu cão o nome de «José»...**

Parece um sacrilégio chamar José a um cão, no entanto é apenas uma forma de afecto. Se fosse uma ofensa, também o seria para mim. Gosto dos animais, sobretudo de cães. Falo com eles. Respeito os animais como parte da Criação.

### **O ser humano trata bem os bichos?**

O ser humano mata-se todos os dias. Como há de tratar bem os bichos?

### **Tem uma poesia que vive quase sempre no limite da vida, com toda uma carga de cinzas...**

Tem estado no limite de tudo. As cinzas vieram com o que o tempo me trouxe, com o que aconteceu às pessoas que me eram mais queridas. E também há uma perda em mim.

### **Perdas do corpo?**

Mesmo assim, o meu corpo tem sido um amigo, trata-me bem, eu é que o trato mal. Quando digo que também há uma perda em mim, refiro-me sobretudo à inocência perdida, ao desgaste da sensibilidade em estado puro, à plenitude que pode acontecer mas penso logo que acaba.

### **Tudo é efémero...**

Aí está um confronto angustiante. A relação que tenho com a morte seja de quem for e com a morte dos que me são queridos é um pouco a minha morte. Não aprendi o efémero das coisas.

### **Revisito a sua poesia: Chora «as lágrimas dos mártires»?**

Choro as lágrimas de tudo o que acaba. Não queria que nada do que é bom acabasse. Acredito que a generosidade é possível em cada indivíduo. Já fui generoso em termos sociais, hoje só acredito na generosidade individual. Ainda acredito no homem.

### **Que pode o individual realizar a favor do colectivo?**

Multiplicar a generosidade.

## **Não é propriamente o milagre dos pães ou das rosas...**

Devia ser o milagre da bondade.

## **Que viagem gostaria de concretizar depois de tantas viagens não-feitas?**

Costumava ficar na varanda a ver se aparecia um OVNI para me levar. Falta-me estar perto das estrelas, tornar o universo infinito. Um OVNI penso que não me metia tanto medo como os aviões, deve ser uma tecnologia mais avançada.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*